
A intertextualidade em uma coluna do jornal impresso *Atribuna*: Marcela Temer, construção de imagem e discurso político¹

Sissa SOUZA LUCHI²
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Dentre os diversos fatores que contribuem para a construção do sentido em um texto, destacamos a intertextualidade, podendo essa ser mais ou menos evidente e estando seu reconhecimento atrelado ao conhecimento prévio do leitor em relação aos discursos que serviram de fonte para a formulação do texto. Desta forma, o presente trabalho teve como propósito investigar as intertextualidades presentes em uma coluna do jornal *Atribuna*, que trata da repercussão do discurso da primeira-dama, Marcela Temer, no lançamento do programa social “Criança Feliz”. Percebemos ao final da análise que essas intertextualidades foram de suma importância para a criação da imagem de Marcela Temer como mulher simples, modesta, bela e engajada politicamente, e, a partir dela, para a construção de um discurso em favor de seu marido, Michel Temer, e do partido político ao qual ele se filia.

PALAVRAS-CHAVE: intertextualidade; construção de imagem; Marcela Temer; discurso político.

1. Introdução

Ao lermos um texto, realizamos diversos processos cognitivos que nos auxiliam na construção de sentido. Uma boa leitura consiste em considerar tanto os elementos subjacentes, quanto os elementos da superfície textual. Nesse sentido, a Linguística Textual surgiu para contrapor os procedimentos teóricos e metodológicos que eram utilizados na Linguística Estrutural e possibilitar, portanto, uma percepção mais aprofundada do texto.

Enquanto no movimento anterior a língua era vista como um sistema de códigos, cuja função era meramente informativa, na Linguística Textual procura-se ir além dos limites da frase, levando-se em conta tanto os sujeitos envolvidos quanto a situação de comunicação (MUSSALIM *et al.*, 2001). Essa abordagem é de extrema importância para o nosso trabalho, já que é a partir dela que se começa a considerar, para a construção de sentido do texto, não só aquilo que é explícito, mas “o conhecimento

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e-mail: sissasluchi@gmail.com.

intuitivo do falante acerca das relações a serem estabelecidas entre sentenças” (MUSSALIM *et al.*, 2001, p. 249).

As autoras afirmam, ainda, que a coerência começa a ser vista como princípio de interpretabilidade, apresentando uma contribuição da situação comunicativa para a construção de sentido global do texto. Sendo assim:

é a partir do estabelecimento de uma série de inferências por parte do leitor/destinatário e da ativação de seu conhecimento de mundo, que é possível reconstruir as situações narradas no texto e atribuir-lhes um sentido global. (MUSSALIM *et al.*, 2001, p. 265).

Desta forma, dentre os fatores que contribuem para a construção de sentido de um texto, temos a intertextualidade que, para Koch (1990), trata-se do fenômeno de reconhecimento e estabelecimento das relações entre o texto lido e os outros textos, os intertextos. Essas relações podem ser mais ou menos evidentes e seu reconhecimento depende do conhecimento prévio do leitor sobre os discursos que serviram de fonte para o autor.

Porém, engana-se quem pensa que essa construção da intertextualidade dentro do texto é feita de maneira aleatória. Pelo contrário, ao construir um texto, o autor escolhe aqueles intertextos aos quais irá recorrer com um propósito, a partir de uma finalidade. Nas palavras de Mussalim *et al.* (2001, p. 275), “a intencionalidade é construída linguisticamente” e “esta construção pode ser observada por meio das formas do dizer e não só pelos conteúdos expressos nos textos”.

Esse fenômeno ocorre também nas matérias jornalísticas e, muitas vezes, atende à finalidade de influenciar o leitor a aceitar a tese que está sendo defendida. No presente trabalho, iremos analisar uma coluna do jornal Atribuna, que fala sobre a atual primeira dama, Marcela Temer. Pretendemos investigar de que forma sua imagem é construída e como isso pode ter refletido na visão do leitor sobre a situação política que o país estava vivenciando.

Nossa hipótese inicial é de que, apesar de afirmar que o texto não é uma defesa à Marcela Temer e não se trata de um texto político, a autora acaba por fazer exatamente isso, construindo uma imagem idealizada da primeira dama a partir de sua comparação implícita com outras mulheres importantes sócio historicamente.

Para tal, primeiramente iremos elencar alguns pontos importantes para a nossa análise, tais como: (i) a caracterização do jornal Atribuna; (ii) as informações sobre a

autora da coluna, Claudia Matarazzo; (iii) a descrição do conceito de intertextualidade, pautando-nos em vários autores.

2. Referencial Teórico

2.1 O jornal Atribuna

Conforme mencionado anteriormente, para realização do presente artigo, destacamos uma coluna de opinião do Jornal Atribuna, publicada no dia 15 de outubro de 2016 (Anexo 1). O jornal foi fundado em 22 de setembro de 1938, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.

De acordo com informações fornecidas pelo próprio site³, trata-se de um jornal de caráter popular, com circulação diária e que ocupa posição de destaque entre os vinte maiores jornais em circulação no Brasil, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC).

Além disso, desde o ano de 1999, no que se refere à circulação de segunda a sábado, o jornal vem liderando o número de vendas e de leitores na Grande Vitória, sendo distribuído também em outros estados.

Todas essas informações contribuem para a percepção de que temos como objeto de análise uma coluna de uma instância midiática de relevância, que alcança um grande número de interlocutores e cumpre, portanto, um papel importante como veículo formador de opinião.

2.3 Claudia Matarazzo

A coluna que analisamos foi escrita pela jornalista Claudia Matarazzo e divulgada primeiramente em seu site pessoal⁴, ao qual recorreremos para a construção deste tópico, e posteriormente no jornal Atribuna.

Além de jornalista, a colunista já foi apresentadora de TV e escreveu em 1992 um livro intitulado “Etiqueta sem frescura”, o primeiro de seus 16 livros, todos tratando de assuntos como: moda, comportamento e acessibilidade.

³ JORNAL ATRIBUDA. Disponível em: <<http://www.tribunaonline.com.br/historico-jornal/>> Acesso em 07 nov. 2016, 14:04:02.

⁴ Claudia Matarazzo sem frescura. Disponível em: <<http://www.claudiamatarazzo.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 09 nov. 2016, 12:20:50.

Seus trabalhos posteriores, que incluem palestras e organizações de evento, estão todos voltados para etiqueta, moda e organização de casamentos.

2.3 A intertextualidade

A intertextualidade é um fenômeno que, ainda que por vezes não percebido, está presente em nossa comunicação diária. Coq *et al.* (2007, p.17), elucidam que a intertextualidade ocorre quando “em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursivo dos interlocutores”.

Desta forma, quando vamos produzir um texto nunca o fazemos a partir de algo totalmente novo, mas tomamos como base discursos que já foram produzidos anteriormente e que são reconhecidos pelo grupo social ao qual estamos inseridos. Essa alusão ao intertexto pode se dar de maneira implícita ou explícita. A intertextualidade implícita se dá “quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte” (COQ *et al.*, 2007, p. 31). Já na intertextualidade explícita, o próprio texto traz uma referência ao intertexto.

Mesmo sendo um elemento de coesão, a intertextualidade muitas vezes utiliza de elementos coesivos, como, por exemplo, o paralelismo e a paráfrase, elementos de coesão recorrencial propostos por Fávero (1991). Porém, Bauman *apud* Coq *et al.* (1997) afirma que, em toda retextualização, há uma mudança de chave, ou seja, pegamos o texto base e o inserimos em nosso texto de acordo com a nossa finalidade discursiva, seja ela, argumentar, persuadir, exemplificar, etc.

Existe, ainda, uma variação de acordo com o tipo de intertextualidade que o autor utiliza, sendo que cada uma possui suas próprias características. Dentre elas, temos: intertextualidade implícita, explícita, temática, estilística, etc. Vale salientar que os tipos de intertextualidade podem ainda ocorrer simultaneamente dentro do mesmo texto.

3. Análise

A construção da coluna que analisamos, como menciona a autora no próprio texto, foi motivada pela polêmica gerada há algum tempo por conta do vestido que Marcela Temer usou durante a sua pronúnciação no lançamento do programa social “Criança Feliz”, do qual ela é a embaixadora.

Na época do ocorrido, os comentários foram variados, se dividindo entre elogios e críticas à primeira-dama. A colunista Claudia Matarazzo constrói, então, seu texto sob o pretexto de que “não é um texto político e muito menos defesa a Marcela...”, porém, nossa hipótese é de que o texto se trata justamente disso que é negado pela autora.

Dessa forma, nos apoiando no referencial teórico descrito anteriormente, trazemos a seguir a análise dos elementos de intertextualidade que observamos no texto. Em seguida, discutiremos como essa intertextualidade contribuiu para a construção da imagem de Marcela Temer e, indiretamente, para a imagem de seu marido e do partido ao qual ele se filia.

3.1 Marcela Temer e “Quem tem medo de Virgínia Wolf?”

Segundo Guimarães (1995, p. 50), “o título é um fator estratégico de articulação do texto” e serve para guiar a compreensão do discurso. Possivelmente, devido a isso, já no título, encontramos uma ocorrência da intertextualidade, fato que é mencionado pela própria autora, pois logo no início da coluna ela pede desculpas pelo trocadilho.

Assim sendo, a frase “Quem tem medo de Marcela Temer?”, título da coluna, pode fazer alusão à peça teatral “Quem tem medo de Virgínia Wolf?”, escrita por Edward Albee e estreada na Broadway em 13 de outubro de 1962. Seu nome faz referência à música infantil “Quem tem Medo do Lobo Mau?”, do inglês “Who’s afraid of the Big Bad Wolf?”.

Durante a peça, nos são apresentados dois casais que, embriagados, se propõe a jogar um tipo de “Jogo da verdade”, o que acaba levando a revelações pessoais, mentiras e discussões. Propondo-se a ser uma representação das relações humanas, a obra abarcou um grande público, sendo adaptada para o cinema posteriormente pelo diretor Mike Nichols.

Dentre os temas centrais retratados, gostaríamos de destacar dois, que acreditamos serem a razão da intertextualidade a qual recorreu a autora da coluna: (i) a hipocrisia das relações sociais; e (ii) a maldade do ser humano, especialmente com pessoas próximas.

Nossa hipótese se pauta no subtítulo da coluna que traz a seguinte passagem:

A julgar pela avalanche de comentários, críticas, memes, resumos e fotos produzidos a partir de uma simples fala da mulher do Presidente, pelo jeito, todos temem Marcela Temer. Com o perdão do trocadilho assumido e irresistível.

Observa-se, a partir do uso dos termos “avalanche” ao se referir aos comentários feitos à Marcela Temer, que a autora atribui um caráter depreciativo aos mesmos, sugerindo que são muitos e com caráter destruidor, como o é o fenômeno natural a que se referem.

Ao mesmo tempo, a fala da primeira-dama é descrita como “simples”, colocando-a assim no papel de vítima da sociedade, sociedade essa que é vista como malvada e cruel. No desenvolvimento do texto, os comentários proferidos são ainda caracterizados de diversas formas como, por exemplo: “temor”, “inveja feminina”, “mau humor”, “mau coração”.

Não obstante, durante todo seu discurso, a autora retoma alguns desses comentários, como o de que Marcela está querendo ser um Evita Peron ou de que seu vestido parecia o da Cinderela, com a finalidade de argumentar a partir deles, seja refutando-os completamente, como ocorre com o primeiro caso, seja concordando parcialmente, como ocorre no segundo.

A partir desse processo, Claudia Matarazzo pretende evidenciar a hipocrisia das relações sociais, descredibilizando as pessoas que são contra a primeira-dama, caracterizadas em seu discurso como “cidadãos desiludidos”. Por meio desse processo de construção, podemos notar que há, claramente, uma tentativa de defender Marcela Temer a partir da refutação dos argumentos utilizados que lhe foram contrários.

Além do mais, existe, ainda que de forma subjetiva, um discurso político no momento em que a autora caracteriza os cidadãos como desiludidos. Essa desilusão poderia relacionar-se com a então situação político-social do nosso país, ou seja, época em que ocorria o Impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a posse do vice-presidente Michel Temer, marido de Marcela.

3.2 Marcela Temer e Cinderela

Logo ao iniciar o seu discurso, a autora toma como base as críticas feitas à Marcela Temer por causa do vestido azul que ela usou durante o lançamento do programa “Criança Feliz”, que tem a primeira dama como embaixadora. O episódio teve uma grande repercussão e causou comentários do mais variados.

Ao afirmar que “O vestido de Marcela parecia com o da Cinderela” e “Embora mais parecido com o da personagem em sua função de Gata borralheira”, a autora não evoca simplesmente a imagem da personagem de contos de fada com a finalidade de

comparar o seu vestido ao de Marcela, mas pretende fazer com que o leitor chegue a uma relação mais profunda e transfira as características da personagem à primeira dama.

Cinderela é um conto de fadas que possui diversas versões, sendo a mais conhecida a do escritor francês Charles Perrault, que data de 1679 e, a mais antiga, escrita por volta de 860 a.C., na China. Cinderela pertence a um seleto grupo de princesas que têm suas histórias repassadas de geração em geração e desde os primórdios vêm sendo contada a meninas pequenas, servindo como modelo para seus comportamentos.

É interessante notar que “a princesa é uma figuração intrincada no ideal do ‘bem supremo’, sempre representado por condutas virtuosas e comportamentos que a cultura elege como certos. Se a virtude é avaliada sobre os comportamentos, é através da aparência que é expressada” (GOMES, 2000 *apud* BREDER, 2013, p. 53). Isso se mostra durante todo o texto que analisamos, quando são ressaltadas apenas características físicas e comportamentais de Marcela Temer.

Destaca-se o fato dela, de acordo com a colunista, acordar sempre naturalmente bonita e ser uma “perfeição de proporções, mesmo depois de uma gravidez e passado dos 18 anos há algum tempo”. Sobre isso, Breder (2013, p. 52) afirma que:

entre as características do que supostamente é belo, se destaca o modelo de corpo esguio e jovem. Não apenas nos filmes de princesas, mas na mídia como um todo. Nas revistas, na televisão, nos filmes e na publicidade, o corpo magro e sem marcas do tempo impera.

Segundo a autora da coluna, “quem não quer se parecer com a jovem e linda Cinderela?”, sendo assim, ela se apropria dessa comparação sugerida por um determinado discurso, anterior à produção do texto analisado, que fala sobre a semelhança do vestido da primeira-dama com o da personagem Cinderela, para ressaltar que o mesmo era “mais parecido com o da personagem em sua função de Gata Borralheira”, evidenciando a suposta simplicidade e modéstia de Marcela Temer.

Ademais, na mesma passagem, podemos perceber novamente um discurso político velado, quando Claudia Matarazzo questiona que “desde quando – crise ou não crise – é ruim usar uma roupa mais barata?”. O uso do termo “crise” vem para reiterar que o governo anterior, ao qual Michel Temer substituiu, deixou o país em péssimas condições, e que até Marcela Temer está fazendo algo para ajudar a solucionar esse

problema. Ela é, então, de acordo com essas colocações, o que o Brasil precisava no momento, uma primeira-dama modesta e simples.

Em suma, todas as comparações utilizadas têm a finalidade de associar a imagem de Marcela Temer à bondade, à beleza, à simplicidade, etc. (características que são, geralmente, associadas às princesas em contos de fadas). Vale salientar que, ao enaltecer a imagem de Marcela, são enaltecidas também a imagem de seu marido e do partido político ao qual ele se filia.

Há, ainda, no mesmo trecho, uma alusão à Madrasta e as meias-irmãs de Cinderela, caracterizando-as como detentoras de um visual gótico e exagerado. Segundo a autora da coluna, todos que não gostaram do vestido de Marcela Temer, que foi descrito como parecido com o da princesa, preferem o visual das personagens citadas e, por isso, são mal humoradas e têm um mau coração.

Breder (2013) salienta que essas personagens que exercem o papel de vilãs nos filmes têm, em geral, inveja da juventude e da beleza das princesas. Claudia Matarazzo transfere, portanto, esse papel para as pessoas que criticaram a primeira-dama, na seguinte passagem: “E, ante tamanhas certezas proferidas, não me ocorre outra leitura que não a de puro temor – e muita inveja feminina naturalmente”.

Por último, destaca-se o papel do par romântico no conto de fadas: as princesas sempre almejam encontrar seu príncipe encantado, e seu sucesso está sempre atrelado a isso. Da mesma forma, na coluna, apesar de ser um texto que trata basicamente de Marcela Temer, por vezes ela é descrita fazendo-se referência ao seu marido, como na seguinte passagem “... uma simples fala da mulher do Presidente”, esse tipo de escolha lexical acaba por evidenciar que a imagem dela não pode ser desvinculada da dele.

Esse fato é ainda reiterado por meio da intertextualidade com a matéria da revista *Veja* a partir da citação “Bela, recatada e do lar?”, que será discutida no tópico 3.5.

3.3 Marcela Temer e Evita Perón

Na sequência do texto, Marcela Temer é comparada a Evita Perón durante a seguinte passagem: “Marcela está querendo ser uma Evita Peron – essa foi demais!! Ora, Evita caía de joias e foi a percursora das peruas do mundo – o estilo básico de Marcela não pode estar mais longe”.

É interessante notar que a autora traz para o seu discurso a fala de terceiros, que realizaram essa comparação inicialmente, com a aparente intenção de negá-las. Porém, o que é contraposto não são características psicológicas, mas características físicas. Marcela Temer, ao contrário de Evita Perón, seria uma mulher simples e modesta.

Ao realizar a negação apenas parcial da comparação entre as duas mulheres, Claudia Matarazzo dá margem para que o leitor estenda as demais características de Evita Perón, a “santa Evita” como muitos ainda a consideram, à Marcela Temer. Desta forma, acreditamos ser necessário evidenciar o importante papel da primeira-dama argentina na história de seu país.

Evita Perón foi a mulher do ex-presidente Juan Domingo Perón, mas não se restringiu a isso, desenvolvendo um importante papel político. Além de criar a Fundação Eva Perón, que realizava diversos projetos sociais, ela ainda foi fundadora do Partido Peronista Feminino, promulgando a lei que concedia voto às mulheres na Argentina, em 1947.

Silva (2014), em seu artigo, afirma que até hoje a figura de Evita Perón é “santificada” e reivindicada por diversos grupos político-sociais, além de ser associada aos tempos áureos vividos pela Argentina, simbolizando o nacionalismo e a justiça social, em oposição à crise que a Argentina viveu posteriormente, na década de 1990.

Não obstante, graças à importância que a primeira-dama adquiriu, ela acabou exercendo o papel de representante do partido político de seu marido:

A construção da imagem de Evita pelo governo de Juan Domingo Perón era indissociável da construção do próprio peronismo. O peronismo se apresentava – e se apresenta – como o “autêntico” defensor dos interesses nacionais e populares: assim, a primeira imagem de Eva Perón era bastante pautada pela simbiose entre Estado, nação e sociedade buscada pelo peronismo. (SILVA, 2014, p.147)

Percebemos que a imagem construída por Evita Perón se estende ao seu marido e vice-versa. Da mesma forma, essa promoção da imagem de Marcela Temer durante toda a construção da coluna a qual estamos analisando, embora sob a afirmação: “... aviso que esse não é um texto político e muito menos em defesa a Marcela que, ao que tudo indica, não precisa que ninguém a defenda...”, acaba por ser exatamente o contrário disso que a autora pontua.

Conforme mencionado no tópico anterior, ao criar uma imagem positiva da primeira-dama, seja Evita, seja Marcela, cria-se por extensão uma imagem positiva do marido e do partido político ao qual ele se filia. Existe uma politização do discurso, por mais que isso seja negado pela autora. Ao se colocar como favorável à Marcela Temer, ela se coloca favorável também ao governo.

Outrossim, existe um certo teor de conto de fadas na história de Evita Perón, pois trata-se de uma moça de origem pobre que se apaixonou por um homem de condição abastada, o militar Juan Domingo Perón. A história do casal acabou por contribuir fortemente para a construção positiva da imagem dos dois e o fortalecimento da imagem do partido peronista.

Da mesma forma, isso correu com o relacionamento de Marcela Temer e seu marido, prova disso é a matéria da Veja, na qual a coluna recorre em determinado momento e que discutiremos em tópico posterior.

3.4 Marcela Temer e Coco Chanel

Outra personagem feminina de extrema importância citada pelo texto é Coco Chanel, porém, diferente de como é feito com Cinderela ou Evita Perón, dessa a alusão feita à personagem, não pretende compará-la à Marcela Temer, mas dar credibilidade ao discurso da colunista e reafirmar que o visual simples e discreto de Marcela Temer é desejável. Afinal, se uma grande estilista como Coco Chanel proclamou que “menos é mais”, a voz do povo contrária a essa afirmação não vale muito.

Além disso, em oposição às demais personagens, Coco Chanel não tem a imagem de um homem associada à dela, nem faz parte de uma história de amor. Na verdade, ela por si só é uma mulher de destaque, sendo a única estilista mulher entre as cem pessoas mais importantes da história do século XX da revista Time. De origem francesa, cumpriu um papel de destaque em sua profissão, fundando a marca Chanel S.A.

Nesse sentido, o uso de roupas simples pela primeira-dama cria, por extensão de sentido, uma noção de que ela também é uma pessoa simples, que não precisa de sofisticação para exercer o bem para o país. Afinal, de acordo com a autora, é disso que o Brasil precisava, frente às consequências vividas pela crise na época, uma representante simples que esteja mais preocupada com os problemas atuais do que com sua imagem.

3.5 Marcela Temer e a Matéria da Veja

No último parágrafo da coluna, há uma referência à matéria publicada na revista *Veja* em abril de 2016, que se intitula: “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. Faremos apenas um breve apanhado da intertextualidade temática que ocorre entre os dois discursos, porém salientamos que há margem para um estudo mais aprofundado do assunto.

Logo no subtítulo da matéria da revista, temos a seguinte descrição da primeira-dama: “...43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”.

A partir disso, podemos verificar que são ressaltadas características conservadoras de forma positiva, descrevendo-a como uma mulher jovem, de família e discreta. Não obstante, durante todo o texto sua imagem está sempre associada à do seu marido, fato que aparece já no primeiro parágrafo ao caracterizá-la como uma mulher de sorte por ter um marido tão dedicado e apaixonado.

Nota-se que a coluna do jornal *Atribuna* segue os mesmos parâmetros da revista *Veja*, evidenciando a beleza e o comportamento simples e discreto de Marcela, pautando-se em um discurso que tem a finalidade de enaltecer sua imagem.

Porém, ao fazer isso, os autores acabam por realizar, indiretamente, uma idealização do chamado “amor romântico”, afirmando que a primeira-dama só tem valor porque é uma boa mãe e uma boa esposa, além de bela e jovem. Tudo isso atrelado à sua condição de esposa do presidente Michel Temer.

Além disso, notamos que há, novamente, a construção de um discurso político de forma subjetiva quando são utilizados termos como “confusão” ou “ânimos acirrados” para caracterizar o momento político-social que vivia o país antes da posse de Michel Temer.

4. Conclusão

Com base em nosso referencial teórico e na observação das intertextualidades presentes na coluna do jornal *Atribuna*, chegamos à conclusão de que, mais do que uma simples referências aos discursos de outrem, elas tiveram a finalidade de construir a imagem de Marcela Temer a partir de um ideal de mulher conservador que é perpetuado

em nossa sociedade e, da mesma forma, estender essa visão positiva ao seu marido e ao partido político ao qual ele se filia.

Para isso, a autora utilizou a fala de terceiros, ora refutando, ora se apropriando da mesma, para criar uma visão de Marcela Temer como uma mulher simples, bela e politicamente ativa, características que são consideradas positivas para uma parcela da sociedade no que se refere ao comportamento feminino e, mais especificamente, à posição de primeira-dama que ela ocupa.

A imagem de mulher simples é construída a partir de uma comparação do seu vestido com o de Cinderela e, a partir desse mecanismo, são adicionadas outras qualidades por extensão de sentido, atribuindo à primeira-dama qualidades que são comuns às princesas, como: bondade, simplicidade e beleza.

Em seguida, a autora dá credibilidade à essa afirmação trazendo para o texto a voz de Coco Chanel, utilizando a autoridade da estilista sobre o assunto para enaltecer ainda mais a o caráter simplista. Nessa mesma linha, por meio da alusão à Evita Perón, novamente é ressaltada a simplicidade de Marcela em contraste com a exuberância da primeira-dama argentina. Ao trazer para o discurso a líder-política argentina, evidencia-se o papel político que Marcela Temer pode vir a exercer e que já teria começado a fazê-lo, segundo a coluna, por meio da criação do programa “Criança Feliz”.

Finalmente, existe a intertextualidade temática entre o texto analisado e a matéria da revista *Veja*, intitulada “Marcela Temer: Bela, Recatada e do Lar”, contribuindo para a concretização das características construídas ao longo do texto e para a reafirmação do chamado “amor romântico”, já apresentado na comparação com Cinderela e Evita Perón.

Todos esses fatores somam-se para apresentar uma imagem basicamente física e comportamental da primeira-dama que, supostamente, incomodam e afetam a oposição, mas que são perfeitas imagens de uma mulher conservadora pronta para, com o seu marido, resolver a situação do Brasil.

Portanto, ao contrário do que afirmou no início da coluna, o texto foi sim de cunho político e em defesa de Marcela Temer, pautando-se num discurso tradicionalista. Porém, um leitor inocente poderia, à primeira vista, não perceber a ideologia presente na coluna, residindo aí a importância da Linguística Textual, uma vez que foi a partir dela que passamos a “compreender o texto no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção.” (KOCH, 1997 *apud* MUSSALIM *et al.*, 2001, p. 254).

Sendo assim, o sentido do texto não se limita apenas à soma das palavras que o constroem, mas reside também nas inferências que realizamos ao lê-lo. Notamos que as intertextualidades presentes na coluna analisada foram de suma importância para a criação da imagem de Marcela Temer e, a partir dela, para a construção de um discurso em favor da primeira-dama e do partido político ao qual seu marido se filia. Concluímos apontando que é primordial nos atentarmos a esse tipo de processo ao lermos um texto, pois a essa leitura crítica nos fornece a possibilidade de perceber que as intertextualidades podem ser utilizadas com fins de manipulação.

5. Referencias Bibliográficas

BREDER, F. C. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipcs-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016, 16:20:20.

FÁVERO, L. L. Como analisar a coesão. In: **Coesão e Coerência Textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

GUIMARÃES, E. Organização do texto: articulação de elementos estruturais. In: **A articulação do texto**. 4ª. Ed. São Paulo: Ática, 1995.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo, Contexto, 1990.

MUSSALIM, F. (Org.); BENTES, A. C. (Org.). Intertextualidade Stricto Sensu. In: **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, P. R.. **Memória e História de Eva Perón**. Paraná, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rh/n170/0034-8309-rh-170-00143.pdf>>. Acesso em 24 out. 2016, 09:04:03.

Anexo 1

Quem tem medo de Marcela Temer?

A julgar pela avalanche de comentário, críticas, memes, resumos e fotos produzidos a partir de uma simples fala da mulher do Presidente, pelo jeito, todos temem Marcela Temer. Com o perdão do trocadilho assumido e irresistível.

Ok, aviso que esse não é um texto político e muito menos em defesa a Marcela que, ao que tudo indica, não precisa que ninguém a defenda – uma vez que se sai lindamente em todas as situações a que foi exposta até agora.

Deixei passar uns dias para comentar – até baixar a poeira – mas não é que não baixou tão cedo? Observadora e estudiosa que sou do comportamento humano, deixou-

me perplexa a variedade e contundência dos comentários proferidos sempre em tom de crítica feroz.

E, ante tamanhas certezas proferidas não me ocorre outra leitura que não a de puro temor – e muita inveja feminina naturalmente. Vejam só:

O vestido de Marcela parecia o da Cinderela – pode até ser. Embora mais parecido com o da personagem em sua função de Gata Borralheira – pois o da festa era superrodado e trabalhado. Mas quem não quer se parecer com a jovem e linda Cinderela?

É preciso muito mau humor (e mau coração) para preferir o visual Gótico e exagerado da Madrasta ou das irmãs cafonas... Sou mais Cindy.

Marcela usou um vestido barato demais – pseudo avaliado em R\$800 (se a informação procede nunca saberemos). E desde quando – crise ou não crise – é ruim usar uma roupa mais barata? Aliás, vamos combinar, para a maioria dos brasileiros esse é o salário do mês...

Marcela usou um modelo muito simples: se a papisa da elegância Coco Chanel dizia que quanto mais simples melhor, quem são essas pessoas que querem que quem que ela se apresente vestida de árvore de Natal? Prefiro aderir ao “Menos é mais”...

Marcela está querendo ser uma Evita Peron – essa foi demais!! Ora, Evita foi a precursora das peruas do mundo – o estilo básico de Marcela não pode estar mais longe.

Aí, claro, houve todos os comentários relativos ao físico de Marcela: que estava mais gorda (como assim? Se a moça é uma perfeição de proporções, mesmo depois de uma gravidez e passado os 18 anos há algum tempo) ...

E ainda que estivesse – será que primeiras-damas precisam ter medidas de miss?

E também houve quem dissesse que os cabelos estavam muito simples. Genteeeeee se ela parece não precisar de cabeleireiro, que culpa tem?

É que nos acostumamos a esperar pelo efeito de magos da beleza como Celso Kamura e Wanderley Nunes, que são capazes de operar verdadeiros milagres na cabeleira das clientes??

Pode até dar inveja, mas tem gente que acorda naturalmente bonita tá?

Então vamos combinar: Marcela mete tanto, mas tanto medo que, a cada aparição sua é um fervor: ferve a imprensa, os humoristas e fervem todos os cidadãos desiludidos com o nosso País – e sobra para ela, que até agora tem aparecido o mínimo possível.

Bela, recatada e do lar? Talvez. Mas, sem dúvida, discreta, sábia e mais forte do que parece.